

## **A POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA NA GESTÃO DE ERNESTO ARAÚJO: UMA LEITURA A PARTIR DA GEOPOLÍTICA DE GOLBERY DO COUTO E SILVA**

André Toreli SALATINO<sup>1</sup>, Daniel Ivori de MATOS<sup>2</sup>, Gabriele Gonçalo dos SANTOS<sup>3</sup>, Maísa Munzlinger VICENTE<sup>4</sup>  
<sup>1</sup>Orientador – Curso Técnico em Informática; <sup>2</sup>Colaborador - UNEMAT; <sup>3</sup>Bolsista PIBIC-EM/CNPq <sup>4</sup> Bolsista de Pesquisa IFC Fraiburgo- alunas do Curso Técnico em Informática;

**Resumo.** O presente trabalho tem como objetivo avaliar a política externa brasileira contemporânea a partir de condicionantes de longo prazo, mais especificamente de condicionantes geopolíticos. Para tanto, revisita a perspectiva geopolítica do general Golbery do Couto e Silva, cuja influência na política externa na década de 1960 promoveu um alinhamento aos Estados Unidos ao subordinar a estratégia brasileira à Defesa do Ocidente. Na política externa orientada sob a gestão de Ernesto Araújo, vemos uma lógica semelhante de subordinação estratégica aos Estados Unidos, embora sua defesa do Ocidente parta de premissas diversas. Buscamos compreender as semelhanças e diferenças quanto à leitura da realidade brasileira proposta por Golbery para avaliarmos a influência da geopolítica na política externa brasileira atual.

### **1. Introdução**

A atual política externa do governo brasileiro tem apresentado mudanças significativas em relação às políticas empreendidas na primeira década do século XXI. Na gestão do chanceler Ernesto Araújo (01/01/2019-29/03/2021) observamos um mimetismo da política externa norte-americana de Trump, com sua desconfiança e boicote a todo tipo de organização multilateral; um discurso da necessidade de defesa do Ocidente (ARAÚJO, 2017) e um grande alinhamento aos Estados Unidos. Esse trabalho tenta compreender essa mudança da condução da política externa a partir da análise geopolítica. Nesse sentido, cabe a investigação de se, ao executar as mesmas linhas gerais de projeção geopolítica através do alinhamento aos Estados Unidos, poderíamos encontrar aspectos da influência da produção geopolítica brasileira, em especial do general Golbery do Couto e Silva, nas linhas gerais de atuação da política externa brasileira contemporânea.

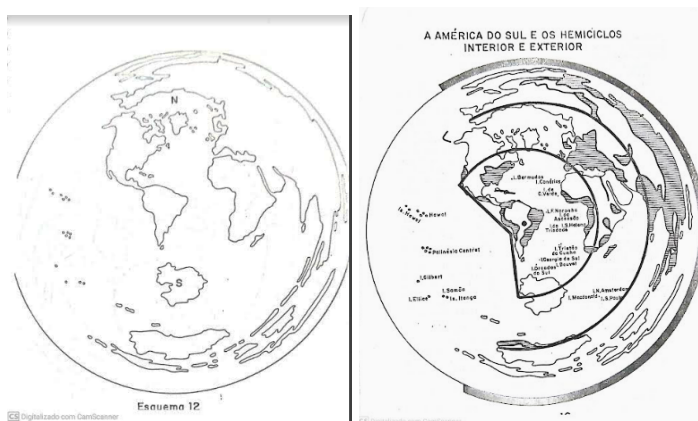
### **2. Material e Métodos**

O presente projeto foi desenvolvido a partir da leitura da obra *Geopolítica do Brasil*, do general Golbery do Couto e Silva, a partir da qual estabelecemos a base da reflexão geopolítica do autor e seus apontamentos para a política externa brasileira. Além deste material, buscamos compreender a partir de capítulos de livros e artigos científicos a condução da política externa brasileira e suas especificidades nos dois momentos históricos analisados de grande alinhamento aos Estados Unidos (1964-1967 e 2019-2021). Também refletimos sobre aspectos essenciais da ordem geopolítica contemporânea e das relações Brasil-Estados Unidos a partir de autores como José Luís Fiori. Como forma de complementar a análise das movimentações da política externa brasileira, acompanhamos as notícias veiculadas pela mídia e os destaques presentes no portal do Itamaraty.



### 3. Resultados e discussão

A leitura Geopolítica de Golbery do Couto e Silva é construída a partir de uma perspectiva centrada no Brasil, buscando construir uma geopolítica “essencialmente brasileira” (1967, p.64). A representação cartográfica utilizada pelo autor privilegia o território brasileiro através de uma projeção azimutal equidistante, tradicionalmente utilizada na geopolítica, tendo como centro o território brasileiro.



Mapas disponíveis em: SILVA, 1967, p.76 e 81.

Ao tomarmos um mapa-mundi com projeção centrada no Brasil podemos observar a oeste um hemisfério de águas que conta com incontáveis arquipélagos e a leste, um hemisfério de terras nos quais se encontra o antigo continente. Este hemisfério envolve o entorno estratégico brasileiro com projeções tentaculares de suas porções de terras. Deste ponto de vista, a América do Sul se encontra protegida pelos Andes e voltada para o Atlântico, avançando sobre este o promontório nordestino. Para Silva (1967), o Brasil é um país bem balanceado em termos das pressões continentais e marítimas, possuindo vantagens referentes ao seu litoral extenso, que apresenta bons portos. Esse litoral se encontra na porção Sul do “oceano de maior vitalidade do mundo” e a geopolítica de Golbery visa ressaltar a importância que o território brasileiro apresenta para a defesa do Ocidente e especialmente, para sua superpotência, os Estados Unidos, com o qual deveria estabelecer um compromisso estratégico<sup>1</sup>. Essa projeção brasileira sobre o Atlântico Sul proporciona uma melhor defesa passiva para o Ocidente, uma zona cuja defesa só pode ser acessada por vias cujo controle é dominado pelas potências Anglo-Saxônicas. Essa perspectiva geopolítica também é a base da construção de sua *teoria dos hemiciclos*. Para compreendê-la, podemos voltar a olhar o mundo a partir da projeção azimutal centrada no Brasil. Poderíamos agora dividir o mundo em

<sup>1</sup> Nas palavras de Silva “Se a geografia atribuiu à costa brasileira e a seu promontório nordestino um quase monopólio de domínio no Atlântico Sul, esse monopólio é brasileiro, deve ser exercido por nós exclusivamente, por mais que estejamos, sem tergiversações, dispostos a utilizá-lo em benefício de nossos irmãos do norte, a que nos ligam tantos e tão tradicionais laços de amizade e de interesses e, em defesa ao mesmo tempo da civilização cristã, que é a nossa, contra o imperialismo comunista de origem exótica” (SILVA, 1967, p.52)

dois hemisférios que compreendem o conjunto de terras dispostas a um raio médio de 10.000km do território brasileiro: “um primeiro *hemisfério interior* de terras a circunda, num raio médio de uns 10.000km – a América do Norte, no flanco esquerdo, a África em posição frontal, e a Antártida como flanco guarda direita (SILVA, 1967, p.80). Para o autor, não há que temer ameaças do *hemisfério interior* à segurança da América do Sul e do Brasil. Em termos estratégicos o Brasil deve empenhar-se na preservação, em mãos amigas, das terras do hemisfério interior, possuindo Silva uma interpretação otimista da estratégia norte-americana, que havia avançado da política externa do *big stick* para a política da boa-vizinhança<sup>2</sup>. Situado a uma distância média de 15.000km se encontraria o *hemisfério exterior*, bloco de terras maciço, agigantado pela deformação da projeção azimutal, e que poderia ser decomposto em 4 grandes concentrações demográficas: o núcleo europeu; a Índia à leste; ao sul encontramos a Austrália; e, para lá do arco demarcador, as aglomerações do Japão e China, prolongando-se pelo sudeste asiático. Para o autor, seria deste hemisfério que poderiam surgir ameaças perigosas à segurança da América do Sul.

Não podemos esquecer também que do ponto de vista de sua concepção geopolítica, exerce um papel central a caracterização da relação de poder entre as grandes potências mundiais. Numa perspectiva geral, o mundo que analisava Golbery se dividia com base em um *antagonismo dominante* entre as duas superpotências da época, os Estados Unidos e a União Soviética, antagonismo que se manifestava entre um “Ocidente democrata e cristão” e um “Oriente comunizado e materialista” (SILVA, 1967). No interior deste conflito nossa posição geográfica é privilegiada, posto que distante dos focos de maior tensão<sup>3</sup>. Compreendendo a importância da terras da América do Sul, da África e da Antártida para a defesa da civilização ocidental, observa importância estratégica do Nordeste brasileiro, com seu promontório, especialmente para os Estados Unidos<sup>4</sup>. O promontório nordestino poderia ser utilizado tanto do ponto de vista da constituição de uma plataforma de

---

<sup>2</sup> Para Golbery, a proximidade geográfica e a história que nos vinculam aos valores ocidentais nos colocariam no contexto da Guerra Fria mais próximos, em sua perspectiva, dos Estados Unidos do que da União Soviética, nos dando uma orientação estratégica de longo-prazo. “A firme convicção desse imperativo geopolítico, traçado no mapa do mundo, pela disposição eterna das massas terrestres que nos circundam, permitirá alicerçar, em sólidos fundamentos, diretrizes seguras de uma estratégia mundial de perspectivas ampliadas, de modo que a impulsos emotivos ocasionais não tenhamos de ceder, sempre, a primazia, quando da tomada de decisões graves a que nos venha a forçar qualquer evolução mais sombria da conjuntura internacional.” (SILVA, 1967, p.84)

<sup>3</sup> A esse respeito, o autor argumenta que, “Se a localização fora do populoso hemisfério terrestre, no crescente exterior ou insular em relação à Ilha do Mundo, segundo Mackinder, nos afasta dos centros de maior potência da civilização ocidental a que pertencemos e nos põe à margem dos feixes diretos da circulação mundial de riquezas – as chamadas avenidas do mundo – por outro lado, nos situa à margem também das geodésicas segundo as quais se têm manifestado até hoje, e ainda agora se estão materializando, as tensões mais fortes e perigosas dos antagonismos internacionais” (SILVA, 1967, p.49)

<sup>4</sup> Os Estados Unidos já atuaram na defesa da Europa e utilizaram o Brasil tanto para o fornecimento de matérias-primas essenciais para a indústria bélica, como para a segurança da retaguarda no Atlântico Sul, tendo sido estrategicamente importante para o abastecimento de tropas que combatiam no norte da África na Segunda Guerra Mundial (BANDEIRA, 2010)

ataque, quanto de uma plataforma de acesso, mais próximo, ao continente africano. Como aponta Fiori (2014) o Atlântico Sul mantém ainda hoje sua importância em termos de transporte e comunicação, sendo o Brasil o país com maior relevância do ponto de vista geoeconômico que se defronta com o Atlântico Sul, no qual se encontra 90% das reservas de petróleo e por onde passa 90% do comércio internacional brasileiro (FIORI, 2014). Se nosso país possui capacidade tecnológica para exploração desses recursos, este autor aponta que não possui capacidade de defender sua soberania na costa e na plataforma marítima, devendo incluir em seus cálculos estratégicos a assimetria de poder existente em relação ao controle do Atlântico Sul, exercido pelas potências Anglo-Saxônicas (FIORI, 2014). Contudo, é importante reforçar que para Silva (1967) a defesa do Atlântico Sul e da integridade territorial, são deveres do Brasil, uma missão que seria exclusivamente nossa, estando vinculada à prosperidade e sobrevivência do país<sup>5</sup>.

#### **4. Conclusão**

A perspectiva Geopolítica de Golbery possui uma dimensão ideológica, apontada por autores como Ferreira (1998), que se deve ao fato do geopolítico olhar o mundo a partir de seu próprio umbigo e perder a relatividade em termos da importância que possui os diferentes espaços na geopolítica mundial. Assim o autor aponta que Golbery acredita que o simples fato do promontório nordestino ser visto como estrategicamente importante para a defesa do Atlântico Sul é suficiente para que os Estados Unidos passem a não realizar mais uma política pendular Brasil-Argentina e nos favoreça na América do Sul (FERREIRA, 1998). A política externa que se desdobra daí é uma política externa conservadora, que não questiona a hierarquia do poder mundial<sup>6</sup> (FIORI, 2014). Sua visão de mundo é datada e se encontra relacionada ao contexto geopolítico bipolar que corresponde à Guerra Fria. A conjuntura atual é caracterizada pelo processo que alguns autores caracterizam como de transição hegemônica do poder estadunidense para o poder chinês (FIORI, 2014), cujo “antagonismo dominante”, nos termos de Golbery, tenderia a ser entre estas duas grandes potências. Para os defensores de uma política externa conservadora, quanto mais o mundo tende a uma ordem geopolítica bipolar, mais apelo apresenta a perspectiva de Golbery e a saída de subordinação estratégica aos Estados Unidos, especialmente pelos laços que unem Brasil e Estados Unidos no âmbito da Defesa. Apesar dos ecos da necessidade de defesa dos “valores do Ocidente” em tentativas como as de Araújo (2017) de caracterizar a ordem mundial

---

<sup>5</sup> Conforme Silva, ainda na questão de Soberania sobre nosso território, afirma que “o direito de utilização de nosso território, seja para o que for, é um direito exclusivo de nossa soberania que não devemos, de forma alguma, ceder por um prato de lentilhas” (1967, p.52).

<sup>6</sup> Conforme Fiori, “consciente ou inconscientemente, os conservadores delegam a terceiros uma parte da soberania decisória de sua política externa e acabam assumindo, invariavelmente, uma posição subalterna dentro da política internacional” (FIORI, 2014, p.231)”.

contemporânea como um confronto civilizacional, a expansão chinesa pelo mundo têm se baseado no comércio internacional e nos investimentos econômicos e até o momento não tem buscado exportar seu modelo político-econômico ou valores culturais para outros pontos do planeta. Quanto mais Araújo busca se mostrar “acima da geopolítica”, tanto mais ele se aproxima da geopolítica conservadora proposta pelo general Golbery, de subordinação estratégica aos Estados Unidos, com base numa retórica de defesa do Ocidente.

Num contexto de globalização e interdependência econômica, a incorporação da América do Sul no tabuleiro geopolítico mundial significa que esta será foco da disputa interimperialista pelo fornecimento de matérias-primas e funcionará como mercado para os investimentos de capital, não mais restrito à hegemonia incontestada dos países do Ocidente, especialmente dos Estados Unidos. No contexto atual as terras do *hemiciclo interior* apresenta a presença de potências estrangeiras do ponto de vista da origem do capital e dos equipamentos de defesa adquiridos, conforme nos mostra Fiori (2011). Dessa forma, as potências do *hemiciclo exterior* entraram na disputa desta região e o avanço que previa Golbery através da disputa político-ideológica passou a ser realizada no âmbito da concorrência capitalista, com a China e outras potências ganhando espaço na América do Sul. Como resposta estadunidense para a manutenção de sua hegemonia, já observamos o aumento da presença militar norte-americana na região, especialmente na Colômbia, mas também com a reativação de sua IV Frota Naval que realiza o policiamento do Atlântico Sul, o que possui implicações sobre a projeção estratégica brasileira sobre este oceano, cujo monopólio, segundo Golbery, seria exclusivamente brasileiro.

## Referências

ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. Trump e o Ocidente. *Cadernos de Política Exterior*, v. 3, n. 6, p. 323-357, 2017.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. A importância geopolítica da América do Sul na Estratégia dos Estados Unidos. In: \_\_\_\_\_. *Geopolítica e política exterior dos Estados Unidos*. Brasil e América do Sul. Brasília, FUNAG, 2010.

FERREIRA, Oliveiros S. *Forças armadas, para que?*. Edições GRD, 1988.

FIORI, José Luís Fiori. *História, estratégia e Desenvolvimento: Para uma geopolítica do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2014.

\_\_\_\_\_. *Brasil e América do Sul: o desafio da inserção internacional soberana*. Distrito Federal: IPEA (Textos para discussão), 2011. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=9742](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=9742)>. Acesso em 01/12/2020.

SILVA, Golbery do Couto e. *Geopolítica do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967.